

riosa auréola em sua fronte, e, por onde passava, agrupavam-se em torno dele os filhos da sombra, buscando em sua alma a luz que amam quase sempre sem entender...

O Senhor, encontrando-o em semelhante estado, estreitou-o nos braços, de coração a coração, proclamando:

— *Bem-aventurado o servo fiel que busca a Divina Vontade de Nosso Pai!*

E, desde então, passou a habitar com o discípulo para sempre.

## IV

## NOS LIMITES DO CÉU

No extremo limite da Terra com o Céu, aportou um peregrino envolto em nevado manto. Irradiava pureza e brandura. A fronte denunciava-lhe a nobreza pelos raios diamantinos que emitia em todas as direções. Extenso halo de luz assinalava-lhe a presença.

Recebido pela entidade angélica, que presidia à importante passagem, apresentou sua aspiração máxima: ingressar definitivamente no paraíso, gozar-lhe o descanso beatífico.

O divino funcionário, embora admirado e reverente perante espírito tão puro, esboçou o gesto de quem notava alguma falha menos visível ao olhar inexperiente e considerou:

— *Meu irmão, rendo homenagem à alvura de tuas vestes, entretanto, vejamos se já adquiriste a virtude perfeita.*

Sorridente, feliz, o viajor vitorioso pôs-se à escuta.

— *Conseguiste entesourar o amor sublime? — perguntou o anjo, respeitoso.*

— *Graças a Deus! — informou o interpelado.*

— *Edificaste a humildade?*

— *Sim.*

— *Guardaste a esperança fiel?*

— *Todos os dias.*

— *Seguiste o bem?*

— *Invariavelmente.*

— *Cultivaste a pureza?*

— *Com zelo extremado.*

— *Exemplificaste o trabalho construtivo?*

— *Diariamente.*

— *Sustentaste a fé?*

— *Confiei no Divino Poder, acima de tudo.*

— *Ensinaste a verdade e testemunhaste-a?*

— *Com todas as minhas forças.*

— *Conservaste a paciência?*

— *Sem perdê-la jamais.*

— *Combateste os vícios em ti mesmo, tais como a vaidade e o orgulho, o egoísmo e o ciúme, a teimosia e a discórdia?*

— *Esmeradamente.*

— *Guerreaste os males que assolam a vida, como sejam o ódio e a perversidade, a insensatez e a ignorância, a brutalidade e a estupidez?*

— *Sempre.*

O anjo interrompeu-se, refletiu longos minutos, como se estivesse em face de grave enigma, e indagou:

— *Meu amigo, já trabalhaste no inferno?*

— *Ah! isto não!* — respondeu o peregrino, escandalizado. — *Como haveria de ser?*

O fiscal da celeste alfândega sorriu, a seu turno, e observou:

— *Falta-te semelhante realização para subir mais alto.*

— *Oh! que contra-senso!* — aventurou o interessado — *como servir entre gênios satânicos, de olhos conturbados pela permanente malícia, de ouvidos atormentados pela gritaria, de mãos atadas pelos impedimentos do mal soberano, de pés cambaleantes sobre o terreno inseguro, com todas as potências da alma perturbadas pelas tentações?*

— *Sim, — meu amigo — acentuou o preposto divino — o bem é para salvar o mal, o amor foi criado para que amemos, a sabedoria se destina, em primeiro lugar, ao ignorante. A maior missão da virtude é eliminar o vício e amparar o viciado. Por isto mesmo, o Céu não perde o inferno de vista...*

E, perante o assombro do ouvinte, rematou:

— *Torna à Terra, desce ao inferno que o homem criou e serve ao Senhor Supremo, voltando depois... Então, cogitaremos da travessia. Lembra-te de que o Sol, situado a mais de cento e cinquenta milhões de quilômetros além do teu mundo, lança raios luminosos e salvadores ao mais profundo abismo planetário...*

Em seguida, o controlador da Porta Celestial cêrrou a passagem ligeiramente entreaberta e o peregrino, de capa lírial, espantadiço e desapontado, sentou-se um pouco, a fim de meditar sobre as conquistas que havia feito.